

Jonas e a baleia

Os erros não deixam de ser erros só porque todos os cometem ao mesmo tempo. (ROBIN LANE FOX).

Para lançar um milagre, basta um mentiroso que o invente e um imbecil que nele creia. (WASHBURN).

Introdução

Quanto mais estudamos a Bíblia, mais nos convencemos que ela não é mesmo a palavra de Deus, muito embora possa ter uma coisa ou outra que realmente seja. Partimos do pressuposto de que para um ensinamento ter como origem a divindade ele não poderá ser ambíguo de forma a levar as pessoas a não se entenderem sobre o seu sentido. Espinosa, célebre filósofo do século XVII, muito lucidamente, disse que se a Bíblia fosse um livro de grandes mistérios ela só seria entendida pelos eruditos, ficando sem entendê-la a massa de fiéis; assim, precisaríamos de uma academia de sábios para decifrá-la para nós outros.

É muito interessante, conforme iremos ver mais à frente, como se instala uma verdadeira balbúrdia, quando buscamos a opinião de vários autores sobre determinada passagem bíblica, inclusive, umas contradizendo as outras; é um verdadeiro caos.

Veremos, neste estudo, a história de uma pessoa que foi engolida por uma baleia (ou peixe grande?) que, depois de três dias, foi regurgitada na praia. Isso nos parece ser ocorrência única, pois não nos lembramos de ter ouvido falar de outro caso igual.

O relato bíblico

Jn 1,1-16: *"A palavra de Iahweh foi dirigida a: Jonas, filho de Amati: 'Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e anuncia contra ela que a sua maldade chegou até mim'. E Jonas levantou-se para fugir para Társis, para longe da face de Iahweh. Ele desceu a Jope e encontrou um navio que ia para Társis, pagou a passagem e embarcou para ir com eles para Társis, para longe da face de Iahweh. Mas Iahweh lançou sobre o mar um vento violento, e houve no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de naufragar. Os marinheiros tiveram medo e começou a gritar cada qual para o seu deus. Lançaram ao mar a carga para aliviar o navio. Jonas, porém, havia descido para o fundo do navio, tinha-se deitado e dormia profundamente. O comandante do navio aproximou-se dele e lhe disse: 'Como podes dormir? Levanta-te, invoca o teu Deus! Talvez Deus se lembre de nós e não pereceremos'. E eles diziam uns aos outros: 'Vinde, lancemos sortes para saber por causa de quem nos acontece esta desgraça'. Eles lançaram as sortes e a sorte caiu sobre Jonas. E lhe disseram então: 'Conta-nos qual é a tua missão, donde vem, qual a tua terra, a que povo pertences'. Ele lhes disse: 'Sou hebreu e venero a Iahweh, o Deus do céu, que fez o mar e a terra'. Então os homens foram tomados por grande temor e lhe disseram: 'Que é isto que fizeste?' Pois os homens sabiam que ele fugia para longe da face de Iahweh, porque lhes tinha contado. Eles lhe disseram: 'Que te faremos para que o mar se acalme em torno de nós?' Pois o mar se tornava cada vez mais tempestuoso. Ele lhes disse: 'Tomai-me e lançai-me ao mar e o mar se acalmará em torno de vós, porque eu sei que é por minha causa que esta grande tempestade se levantou contra vós'. Então os homens remaram para atingir a terra, mas não puderam, pois o mar se tornava cada vez mais tempestuoso contra eles. Eles invocaram então a Iahweh e disseram: 'Ah! Iahweh, não queremos perecer por causa da vida deste homem! Mas não ponhas sobre nós o sangue inocente, pois tu agiste como quiseste'. E tomaram Jonas e o lançaram ao mar e o mar cessou o seu furor. Os homens foram então tomados por um grande temor para com Iahweh, ofereceram um sacrifício a Iahweh e fizeram votos!"*

Jn 2,1-11: "E Iahweh determinou que surgisse um peixe grande para engolir Jonas. Jonas permaneceu nas entranhas do peixe três dias e três noites. Então orou Jonas a Iahweh, seu Deus, das entranhas do peixe. Ele disse: 'De minha angústia clamei a Iahweh, e ele me respondeu; **do seio do Xeol pedi ajuda**, e tu ouviste a minha voz. **Lançaste-me nas profundezas**, no seio dos mares, e a torrente me cercou, todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram sobre mim: E eu dizia: Fui expulso de diante de teus olhos. Todavia, continuo a contemplar o teu santo Templo! **As águas me envolveram até o pescoço**, o abismo cercou-me, e a alga enrolou-se em volta de minha cabeça. **Eu descí até às raízes das montanhas**, à terra cujos ferrolhos estavam atrás de mim para sempre. Mas tu fizeste subir da fossa a minha vida, Iahweh, meu Deus. Quando minha alma desfalecia em mim, eu me lembrei de Iahweh, e minha prece chegou a ti, até o teu santo Templo. Aqueles que veneram vaidades mentirosas abandonam o seu amor. Quanto a mim, com cantos de ação de graças, oferecer-te-ei sacrifícios e cumprirei os votos que tiver feito: a Iahweh pertence a salvação!' Então Iahweh falou ao peixe, e este vomitou Jonas sobre a terra firme". (Bíblia de Jerusalém).



Análise

Antes de mostrar as opiniões sobre se essa passagem é um fato real ou ficção, vamos ver dois versículos especiais.

No capítulo 2, o versículo 3 é divergente nas várias bíblias (Barsa, de Jerusalém, Vozes, Santuário, Paulinas, Ave-Maria, do Peregrino e a Anotada), nas quais encontramos os termos: ventre do inferno (uma vez); do seio do xeol (duas vezes); do meio da morada dos mortos (duas vezes); desde o ventre do sepulcro (uma vez) e do ventre do abismo (duas vezes). O que nos leva a concluir que Jonas não dizia do ventre do peixe, mas pensava estar no lugar para onde se acreditava iam todos os mortos. Isso pode ser facilmente confirmado pelo versículo 6, quando o termo usado foi abismo (seis vezes) e oceano (duas vezes), que não tem nada a ver com estar no ventre de algum peixe.

Agora, vejamos algumas opiniões que a coloca como fato não histórico:

Este livro não é uma profecia, mas a história de determinada missão de Jonas a Nínive. Ainda se discute sobre seu gênero literário que parece ser didático. O Espírito Santo, por meio do autor inspirado, **narra uma história fictícia** para ensinar que Deus governa todas as criaturas inclusive os homens, mesmo quando estes não querem obedecer, e que as profecias de castigos futuros visam principalmente a conversão dos interessados mesmo que estes sejam pagãos, além de outros muitos ensinamentos que vão aparecendo no desenrolar da história. (Bíblia Barsa, p. 748, grifo nosso)

O livro de Jonas **não contém oráculos proféticos**, mas uma narração envolvendo a pessoa de um tal de Jonas filho de Amati. O livro refere-se provavelmente ao mesmo Jonas mencionado em 2Rs 14,25. **Não se trata, porém, de um relato histórico.** O livro de Jonas pertence ao gênero literário midráxico e é um ensinamento didático de caráter sapiencial. (Bíblia Vozes, p. 1137, grifo nosso).

O livro não é histórico. É evidente que há muitas coisas improváveis. Tampouco é um livro profético. Somente o nome de seu herói, tirado de 2Rs 14,25, e a missão a ele confiada o fizeram entrar no rol dos profetas. O estilo, o vocabulário, os aramaismos levam a pensar no período pós-exílico. A maioria dos autores pensa no V Século. O Salmo 2,3-10 é um acréscimo.

O livro constitui uma sátira, impregnada de humor sorridente, mas eficaz, do profetismo e de sua mensagem, bem como da consciência israelita educada pelos profetas. [...] (Dicionário Bíblico Universal, p. 431, grifo nosso).

Muitos perguntam a si mesmos se é preciso tomar à letra a narrativa maravilhosa de Jonas. Com São Gregório Nazianzeno, cremos que é preciso **ver aí um ensinamento** religioso velado **sob as formas de uma parábola.** (Bíblia Ave-Maria, p. 41, grifo nosso).

A parábola de Jonas nos oferece um grande ensinamento, por meio de

uma ironia sustentada, que num ponto chega a sarcasmo, e conclui com uma pergunta desafiadora. Jonas é o antipofeta que não quer ir aonde o Senhor o envia, nem dizer o que lhe ordena. Assim se torna o mau, enquanto que os bons são primeiro os marinheiros pagãos, depois os ninivitas agressores. Jonas tem de enfrentar os inimigos mitológicos, o mar e o cetáceo, e aprender que o Senhor os controla e os submete a seu serviço. (Bíblia do Peregrino, p. 2228, grifo nosso).

Entretanto, contrariamente, outras opiniões nos dão conta que esse relato é histórico; leiamos:

História ou Alegoria. Alguns consideram este livro uma alegoria, escrito por volta de 430 a.C. para combater o exclusivismo de Esdras e Neemias. Sob esta ótica, Jonas representa a nação israelita desobediente; o mar representa os gentios; o grande peixe, Babilônia; os três dias no ventre do peixe, o cativo dos judeus em Babilônia.

De acordo com 2Rs 14:25, entretanto, além de ser uma pessoa real, Jonas foi também um profeta nacionalmente reconhecido e oriundo de Gate-Hefer, próximo a Nazaré. Além disso, **Jesus tratou Jonas e sua experiência no ventre do peixe como fato histórico** (Mt 12,39-41). E, naturalmente, **o livro apresenta um relato histórico direto e simples**. Isso não exclui a presença de lições, através de tipos, ilustrados pelos incidentes históricos. (Bíblia Anotada, p. 1126, grifo nosso).

Seria, portanto – pode-se perguntar – o livro de Jonas uma parábola, e não o relato de fatos realmente ocorridos? É o que pensam hoje muitos, fora da Igreja católica e também alguns de seus membros. Mas não se apresentam razões decisivas para essa afirmação. Aquilo que a obra nos conta de maravilhoso, não constitui dificuldade para quem admite, como se deve admitir, a possibilidade do milagre. O fim didático funda a possibilidade, não a necessidade de uma ficção literária. Os fatos reais têm igualmente força para instruir a mente e maior eficácia para mover a vontade. Estando assim neste ponto as conclusões, **não é de prudência cristã duvidar da realidade histórica dos fatos, levada em conta pelo próprio Jesus**. (Bíblia Paulinas, p. 1000-1001, grifo nosso).

Apesar de aqui se apelar para a veracidade, usando como argumento o fato de Jesus ter citado essa passagem, encontramos, ainda sem sair do âmbito dos tradutores, considerações contrárias a essa alternativa para se afirmar sobre a realidade da narrativa:

O fato de ter N. Senhor se referido à pregação de Jonas e à sua estadia no ventre de um peixe, como *tipo* ou prefiguração de sua própria pregação (Mt 12,39-41; 16,4; Lc 11,29-32), **não é argumento para provar que esta história não seja uma simples parábola**, pois para a existência de *um tipo bíblico* (q.v) basta a realidade literária como se vê claramente na Hebr 7,3, onde Melquisedec é apresentado como *tipo* do Messias *por não ter sido* (apenas literariamente) princípio nem fim. Aparece Jonas com frequência pintado nas catacumbas como tipo de Jesus Cristo. (Dicionário Prático da Bíblia Barsa, p. 149, grifo nosso).

Em Mt 12,31 e Lc 11,29-42, Nosso Senhor apresentará como exemplo a conversão dos ninivitas e Mt 12,30 verá em Jonas encerrado no ventre do monstro uma figura da permanência de Cristo no sepulcro. **Este uso da história de Jonas não deve ser tomado como prova de sua historicidade**: Jesus utiliza este apólogo do Antigo Testamento como os pregadores cristãos se servem das parábolas do Novo; em ambos os casos existe a mesma preocupação de ensinar por meio de imagens familiares aos ouvintes, sem emitir nenhum juízo sobre a realidade dos fatos. (Bíblia de Jerusalém, p. 1252-1253, grifo nosso).

Como dissemos no princípio, ninguém se entende sobre o que efetivamente é a passagem, uma vez que, preocupados em sustentar a verdade da Bíblia, passam, a passos largos, sobre fatos que a razão e a lógica não aceitam como reais. Vale aqui o que Paulo disse aos coríntios: "Quando era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio de criança" (1Cor 13,11).

Uma tentativa de explicação

Sempre nos aparece um fundamentalista desesperado em querer provar por “a” mais “b”, que os textos bíblicos são verdadeiros. Para isso, pouco lhe importa a razão e a lógica, desde que seus argumentos, segundo pensa, estejam denotando os daqueles que não acreditam na inerrância bíblica. Vejamos, por exemplo, o que se encontra no *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e “Contradições” da Bíblia*:

JONAS 1:1- O livro de Jonas é uma história real ou é ficção?

PROBLEMA: Os eruditos bíblicos tradicionais sustentaram que o livro de Jonas registra acontecimentos que de fato ocorreram na história. Entretanto, devido a seu estilo literário e à narração de surpreendentes aventuras vividas pelo profeta Jonas, muitos eruditos da atualidade propõem que não se trata de um livro que narra fatos reais, mas sim uma história de ficção com o propósito de comunicar uma mensagem. Os fatos narrados no livro de Jonas realmente aconteceram, ou não?

SOLUÇÃO: Há uma boa evidência de que os fatos registrados no livro de Jonas são literais e que aconteceram na vida desse profeta.

Primeiro, a tendência de negar a historicidade do livro de Jonas provém de um preconceito contra coisas sobrenaturais. Se é possível acontecer milagres, não há razão alguma para se negar que o livro de Jonas seja histórico.

Segundo, Jonas e seu ministério profético são mencionados no livro histórico de 2 Reis (14:25). Se sua profecia sobrenatural é mencionada num livro histórico, por que rejeitar então o aspecto histórico de seu livro?

Terceiro, o argumento mais devastador contra a negação da precisão histórica do livro de Jonas é encontrado em Mateus 12:40. Nessa passagem, Jesus prevê a sua própria morte e ressurreição, e provê aos incrédulos escribas e fariseus o sinal que eles lhe pediram. O sinal é a experiência de Jonas. Jesus diz: “Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra”. Se a história da experiência de Jonas no ventre do grande peixe fosse apenas uma ficção, isso não daria respaldo profético algum ao que Jesus declarava.

O motivo de Jesus fazer referência a Jonas era que, se eles não acreditavam na história de Jonas ter estado no ventre do peixe, também não acreditariam na morte, no sepultamento e na ressurreição de Cristo. Para Jesus, o fato histórico de sua própria morte, sepultamento e ressurreição tinha a mesma base histórica de Jonas no ventre do peixe. Rejeitar uma seria o mesmo que rejeitar a outra (cf. Jo 3:12). De igual modo, se cressem numa dessas bases, teriam de crer na outra.

Quarto, Jesus prosseguiu mencionando detalhes históricos significativos. A sua própria morte, sepultamento e ressurreição era o sinal supremo que atestaria suas reivindicações. Quando Jonas pregou aos gentios descrentes, eles se arrependeram. Mas achava-se Jesus na presença de seu próprio povo, do povo de Deus, e assim mesmo eles recusavam-se a crer. Portanto, os homens de Nínive se levantariam em juízo contra eles, “porque [os de Nínive] se arrependeram com a pregação de Jonas” (Mt 12:41). Se os eventos do livro de Jonas fossem simplesmente parábolas ou ficção, e não uma história real, então os homens de Nínive na realidade nunca teriam se arrependido, e seu juízo sobre os fariseus impenitentes seria injusto e indevido. Por causa do testemunho de Jesus, podemos ter certeza de que Jonas registra uma história real.

Finalmente, há confirmação arqueológica da existência de um profeta de nome Jonas, cujo túmulo encontra-se no Norte de Israel. Adicionalmente, foram desenterradas algumas moedas antigas, com a inscrição de um homem saindo da boca de um peixe. (GEISLER e HOWE, 1999, p. 315-316).

As evidências colocadas pelos autores são de uma inconsistência de causar dó. Somente os fanáticos, que são cegos de entendimento, não percebem isso.

O argumento da existência de milagres, reporta-nos à completa falta de conhecimento das coisas que levava os hebreus a reputar como “milagre” tudo quanto era fenômeno da natureza, admirados que ficavam diante deles. O mais simples fenômeno natural que viesse a acontecer de forma a favorecê-los colocava-o como ação divina a seu favor. A respeito disso, interessante o que disse Espinosa (1632-1677):

O vulgo, com efeito, pensa que a providência e o poder de Deus nunca se manifestam tão claramente como quando parece acontecer algo de insólito e contrário à opinião que habitualmente faz da natureza, em especial se resultar em seu proveito e vantagem. [...].

O homem comum chama, portanto, milagres ou obras de Deus aos fatos insólitos da natureza e, em parte por devoção, em parte pelo desejo de contrariar os que cultivam as ciências da natureza, prefere ignorar as causas naturais das coisas e só anseia por ouvir falar do que mais ignora e que, por isso mesmo, mais admira. Isso, porque o vulgo é incapaz de adorar a Deus e atribuir tudo ao seu poder e à sua vontade, sem elidir as causas naturais ou imaginar coisas estranhas ao curso da natureza. Se alguma vez ele admira a potência de Deus, é quando a imagina como que a subjugar a potência natureza. [...] E, de fato, isso agradou de tal maneira aos homens que, até hoje, ainda não param de inventar milagres para fazer crer que Deus os ama a eles mais do que aos outros e que são a causa final que levou Deus a criar e a reger continuamente todas as coisas. De quanta presunção se arroga a insensatez do vulgo, que não tem de Deus nem da natureza um só conceito que seja correto, que confunde as volições de Deus com as dos homens e que, ainda por cima, imagina a natureza de tal modo limitada que acredita ser o homem a sua parte principal!

[...] Se, por conseguinte, acontecesse na natureza algo que repugnasse às suas leis universais, repugnaria, necessária e igualmente, ao decreto, ao entendimento e à natureza de Deus; por outro lado, se admitíssemos que Deus faz alguma coisa contrária às leis da natureza, seríamos também obrigados a admitir que Deus age em contradição com a sua própria natureza, o que é um absurdo. (ESPINOSA, 2003, p. 95-97).

Os que, desapaixonadamente, estudam a Bíblia, sabem perfeitamente que os autores bíblicos nunca se preocuparam com os relatos históricos. A eles mais interessava o engrandecimento do povo hebreu, tido como "escolhido de Deus", do que a narração dos fatos como realmente acontecidos. E, como já o dissemos, a falta de conhecimento dos fenômenos da natureza os levava a crer nos maiores absurdos, muitos dos quais são, nos dias de hoje, explicados por argumentos científicos.

Por outro lado, conforme já dito por alguns tradutores bíblicos, o fato de Jesus ter citado o prodígio de Jonas não o torna verdadeiro, porquanto o fato de muitos acreditarem numa lenda não a torna real. Aqui vale a frase que citamos no início: "Os erros não deixam de ser erros só porque todos os cometem ao mesmo tempo". (ROBIN LANE FOX).

O historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.), também conta esta fábula; entretanto, quanto ao fato de Jonas no ventre do peixe, ele se exime de dar a sua própria opinião, levando-nos a crer que não acreditava nessa lenda. Senão vejamos:

Diz-se que uma baleia o engoliu: e depois de ter passado três dias em seu ventre, ela o restituiu vivo e sem ferimento algum à praia do Ponto Euxino onde, depois de ter pedido perdão a Deus, ele foi a Nínive, e anunciou ao povo que ele perderia bem depressa o império da Ásia. (JOSEFO, 1990, p. 235-236).

Esse "diz-se" de Josefo é sintomático: não queria atestar a veracidade do fato. Mas a possibilidade de uma pessoa cair no mar e, dias depois, aparecer na praia não é um fato inacreditável; o que o torna ficção é dizer que ela esteve viva durante três dias no ventre de uma baleia.

Eurípedes Martins Araújo (?-), em Paradoxo Bíblico, citando Jacques Cousteau, diz:

[...] o Sr. Jacques Cousteau, o maior oceanógrafo de nossos tempos, falecido em julho de 1997, afirmou que nenhuma baleia possui a garganta tão grande, capaz de engolir um ser humano; que somente uma garoupa gigante seria capaz disso. (ARAÚJO, 2000, p. 369).

E conclui:

Entretanto, será que poderíamos acreditar que um ser humano sobrevivesse, 3 dias e 3 noites, no interior de um peixe? Um texto evangélico afirma que Jesus falou sobre "o prodígio de Jonas". É bem provável que – se Jesus falou mesmo aquilo – foi valendo-se de uma crença popular, para ensinar alguma coisa. Porém não temos elementos para acreditar nos prodígios atribuídos a Jonas, e

nem que realmente Jesus acreditasse naquela história (ARAÚJO, 2000, p. 369).

Conclusão

Qual opinião deverá prevalecer? Para desempatar as opiniões citadas, vamos buscar mais uma, mas baseada nos arquivos históricos, fora, portanto, de qualquer dogmatismo religioso:

Mas os compiladores dessa grande história nacional não eram historiadores como os entendemos. Muito desleixados quanto ao nome certo de seus senhores de fora. Muito vagos em geografia. Constantemente se referem a lugares que ninguém pode identificar com alguma precisão.

E muitas vezes deliberadamente ocultavam o real sentido de suas palavras. **Empregavam estranhos símbolos.** Referiam-se a uma baleia que engoliu um naufrago e dias depois vomitou em terra firme, **querendo dizer que o grande império da Babilônia conquistara a pequena Judá e depois de meio século foi obrigado a libertá-la.** Isto seria muito compreensível para os homens de vinte e cinco séculos atrás, mas não é claro para os que, como nós, só conhecem a Babilônia como um árido montão de pedras. (VAN LOON, 1951, p. 103, grifo nosso).

Ah!, agora, já no final, lembramos de uma ocorrência semelhante à de Jonas; você também, caro leitor, deve conhecê-la pela história de Pinóquio que salva seu "pai", o carpinteiro Gepeto, de dentro de uma baleia.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Mai/2006 (revisado jan/2007).

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada, 8ª ed., São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
Bíblia Sagrada, 68ª ed., São Paulo: Ave Maria, 1989.
Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
Bíblia Sagrada, 37ª ed., São Paulo: Paulinas, 1980.
Bíblia Sagrada, 5ª ed., Aparecida-SP: Santuário, 1984.
Bíblia Sagrada, 8ª ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.
Bíblia de Jerusalém, nova edição, São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia do Peregrino, s/ed., São Paulo: Paulus, 2002.
ARAÚJO, E. M. *Paradoxo Bíblico*, Marica, RJ: Blocos, 2000.
ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
GEISLER, N. e HOWE, T. *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e "Contradições da Bíblia"*, São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. São Paulo. CPAD, 1990.
VAN LOON, H. W., *A História da Bíblia*, São Paulo: Cultrix, 1951.
Jonas e a baleia: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/7b/50/51/7b5051c64df6fd030ddc207d22907504.jpg>, acesso em 26.12.2014, às 07:11hs.